

Metáforas do discurso único, metonímias das culturas do trabalho

Roseli Figaro

Enquanto o mundo for mundo
Enquanto o sal for compra-e-venda
Enquanto a vida vier com injeção de éter
Enquanto o poeta tiver
Vetiver cabeça tronco e membro
Os milagres farão chuvas de astros nos sonhos
O amor há de ser tudo e a carícia dos pratos
Além de alimentar despertará prazer...

(O carro da miséria, XII, Mário de Andrade, *Poesias completas*)

EPRECISO ter ousadia para desfazer as armadilhas que os asseclas do fim da história e da globalização, via o discurso único, disseminaram por todos os continentes. *Trabalho, cultura e bem-comum (Leitura crítica internacional)* é uma obra que atua nessa direção. Seu autor, Luiz Roberto Alves, mostra como os sinuosos discursos da autoridade de instituições como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), assessora do G-8, foram construídos para simular a unanimidade e a supremacia do mercado em contraposição ao Estado de Bem-Estar Social e às experiências dos trabalhadores na luta por direitos e dignidade. Tais simulacros discursivos açambarcaram governos e lideranças, jogando-os aos pés do Midas sistema financeiro, responsável pela atual crise internacional.

Nas palavras do autor,¹

no processo estudado, entre 1990 e 2005, ocorreu um roubo de linguagens da sociedade ocidental, que vitimou – e vítima – exatamente os valores que poderiam reencaminhar as governanças saídas da guerra fria, isto é, os valores culturais do trabalho decente, dos bens sociais tornados bens comunitários e da diversidade sócio-política

no tratamento da economia, das finanças e das políticas sociais.

Como salienta Alves, a linguagem é a arena onde se travam as batalhas sobre as estratégias persuasivas que transformam interesses privados em acordos econômicos e políticos a serem seguidos como manuais de boas condutas em nível internacional. O autor entra nessa seara para esmiuçar as camadas de sentidos que estão subsumidas por uma lógica que se tornou mito: *o mais forte é o que sobrevive à concorrência do mercado*. Este último, tido como entidade onipresente e onisciente, fator de seleção natural.

Buscar nos textos as lógicas comunicativas reveladoras dos lugares sociais dos quais falam seus enunciadores faz parte de uma tradição intelectual com a qual comunga Luiz Roberto Alves. Este, ao aplicar os referenciais da sociosemiótica aos objetos discursivos da OCDE, reunidos na série “Economic Outlook”, mostra-nos como os fundamentalismos econômicos foram arquitetados como castelos de cartas, vazios da experiência coletiva construída no processo político de diversidade de vozes necessárias à civilização humanista.

Ao propor-se o empreendimento de

desvendar os sentidos dos discursos da orientação neoliberal, buscou em Roland Barthes os aportes teóricos para demonstrar como o sentido de uma palavra ou de um discurso pode ser esvaziado, tornando-se mito ou mítico. Assim, nos munícia de esclarecimentos e nos dá armas certas sobre como lutar nessa arena. O signo é uma materialidade das relações sociais e, como tal, diz respeito a condições concretas de enunciação. Um discurso torna-se mítico quando, esvaziado de seu sentido primeiro, simula um outro cujo objetivo é obscurecer ou obliterar as diferentes vozes e pontos de vista que circulam na sociedade.

O autor mostra como o discurso mítico da OCDE dissimula e obscurece as conquistas do Estado de Bem-Estar Social e os direitos dos trabalhadores conquistados por suas entidades representativas em lutas históricas. Sobretudo, ele demonstra como as orientações contidas nos documentos do “Economic Outlook” pretendem debelar as resistências e as vozes que enunciam discursos que se contrapõem à lógica da onisciência do mercado.

O apuro metodológico da análise, realizada por Alves, sustenta-se na abordagem criativa que ele faz das contribuições de Greimas e Jakobson a partir da característica básica da linguagem verbal de se constituir como rede de relações, na melhor tradição da semiologia saussuriana. Se entre os eixos do paradigma e do sintagma de estruturação da linguagem a rede de relações se dá na lógica da semelhança, cuja seleção permite os fundamentos de uma morfologia; e da contiguidade, cuja combinatória possibilita as relações de sentido e a noção de processo, para o autor esses eixos estão dissociados no discurso hegemônico contemporâneo.

Tal dissociação se dá à medida que o paradigma se instituiu a partir de fundamentos cuja semelhança é simulada, não permitindo o progresso no sentido do bem-comum; e o sintagma está carente de elos para estabelecer nexos de sentido na sociedade globalizada, pois sua lógica tem os fundamentos falseados, o sentido encontra-se estilhaçado mais do que fragmentado.

O autor lê os discursos da OCDE como paradigma, no qual as metáforas tornam-se falseadas, haja vista o valor metafórico que vocábulos tais como reestruturação, reengenharia, reciclagem adquirem ao estarem no lugar de outros sentidos, simulando uma mudança que realmente não houve. Objetivamente, o sistema econômico hegemônico aprofundou as formas de exploração do mundo do trabalho e não as esvaceceu.

Se as metáforas, que mobilizam o espaço globalizado das transações neoliberais, constituem-se em mito; as metonímias da contiguidade sintagmática, dos discursos das centrais sindicais (CUT, brasileira; CGIL, italiana; e DGB, alemã) e dos discursos do Fórum Social Mundial, embora herdeiros de lutas vigorosas, mostram-se ainda desconectadas, pois os fundamentos dos valores que compuseram seu paradigma precisam ser reconstruídos, visto que as experiências metonímicas carecem tomar volume para enraizarem-se como eixo estruturante.

É do re-encantamento que se precisa, destaca Alves. Re-encantamento das experiências que, embora dispersas no eixo do sintagma, têm potencial para reconectarem as esperanças em torno da palavra de ordem *trabalho decente*. Expressão de sentido forte, pois cunhada em fóruns coletivos cujas práticas desenvolvem-se em torno da economia solidária, dos or-



ALVES, Luiz Roberto. *Trabalho, cultura e bem-comum (Leitura crítica internacional)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

çamentos participativos e dos conselhos comunitários de representação direta. Como conceito-chave, ela sintetiza experiências que têm em comum a presença das vozes dos interessados na enunciação discursiva que dá o *status* de cidadão àquele que se coloca na arena política.

Se há ou se houve uma avalanche de metáforas que tomaram o interesse privado pelo interesse público, aposta-se nas experiências concretas do movimento social dos trabalhadores, para o re-encantamento do trabalho e daqueles que trabalham. Experiências vivenciadas por gerações, consubstanciadas nas culturas do trabalho e atualizadas na dinâmica que se dá pela relação do passado com o presente.

A possibilidade de vida futura sustentável para os homens e para o planeta está em desconstruir os sentidos do trabalho como mito-monstro e como *tripalium*, com o qual se torturavam os escravos, para reavê-lo no sentido de atividade humana, aquela que torna o homem um

ser genérico, ser de si e para si, cidadão, cuja relação transcende o dualismo ensimesmado para constituir temas e figuras capazes de dialogar com a coletividade na perspectiva da construção do bem-comum.

É desses sentidos que nos fala Luiz Roberto Alves em seu livro. Nas palavras de Adilson Citelli na apresentação “O trabalho em tempo de cólera”, o autor realiza “um fino exercício analítico e intelectual”, expondo uma trajetória intelectual voltada à gestão mediadora de expressões comunicativas capazes de ressignificar e atualizar experiências solidárias.

Nota

1 Texto de divulgação do livro, Blog Alpharrabio: <<http://blog.alpharrabio.com.br/2009/05/09/trabalho-cultura-e-bem-comum>>, acesso em 13 maio 2009.

Roseli Figaro é professora doutora na Escola de Comunicações e Artes da USP, coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP.

@ – figaro@uol.com.br